

# CENTENÁRIOS

## Afonso Celso

ANDRADE FURTADO

A intelectualidade nacional comemorou, no ano em curso, o centenário de nascimento do Conde de Afonso Celso.

Foram altamente merecidas as honras prestadas ao emérito brasileiro, uma das figuras mais insinuantes do nosso passado, na política, nas ciências e nas letras.

O seu exemplo de homem educado na escola da verdade e do bem representa um símbolo de nobreza e retidão para as novas gerações da Pátria.

Herdou do venerando pai, o estadista do Império, sr. Visconde de Ouro Preto, não apenas o nome ilustre, mas dignidade, talento e patriotismo.

A sua vida inteira foi devotada ao engrandecimento do País. Jornalista brilhante, manteve, anos seguidos, na imprensa carioca, através da secção "Cotas aos Casos", comentários de palpitante interesse em torno dos acontecimentos da época.

Foi um Mecenas da mocidade, em nosso meio cultural, encorajando as boas iniciativas e inculcando amor ao ideal do belo e do justo.

Professor da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, afirmou-se uma das mais cintilantes vocações da cátedra, pelo fulgor da palavra e solidez dos conhecimentos.

Orador primoroso, encantava na tribuna, dominando o ambiente pela fascinação da voz, propriedade e elegância da frase, pela mímica expressiva e sóbria.

Ouvimos o grande tribuno, nas festas comemorativas do jubileu sacerdotal do Cardeal Arcoverde e na instalação, no Rio de Janeiro, da Sociedade de Juristas Católicos Santo Ivo.

Porte dominador, exposição fácil, imagens arrebatadoras, a todos deslumbrava pela simpatia pessoal e pelo brilho dos conceitos.

Como Joaquim Nabuco, irradiava da sua figura varonil o prestígio de fazer sentir e vibrar o auditório.

Poeta de inimitável sensibilidade estética, pode ser equiparado aos vultos de maior projeção do nosso Parnaso.

“*Lampejos Sacros*” contêm primores que atestam a inspiração e a forma perfeita de um artista sem jaça.

Vejamos o soneto “*Minha Nossa Senhora*,” modelo da mais bem acabada jóia poética:

*Minha Nossa Senhora — o povo exclama —  
E esta frase acoimada de incorreta  
Exprime da maneira mais completa  
Teu prestígio sem par que o mundo aclama.*

*És minha, sim, minha alma é que te chama  
Para aplacar-lhe a agitação secreta,  
Mas és nossa também, pois, justa e reta,  
Sobre todos teu brilho se derrama!*

*Minha Nossa Senhora, em teu regaço,  
Acolhe compassiva o meu cansaço,  
Recebe o coração que em ti se aninha!*

*Mitiga as dores e o amargor adoça  
Do mal de todos nós, Senhora Nossa,  
Dêste sofrer só meu, Senhora Minha!*

Nas antologias, entre as mais célebres produções da Literatura Nacional, encontramos o soneto “*Anjo Enfêrmo*”, dedicado à Maria Eugênia Celso — a filha diletta que continua a tradição fidalga do imortal membro da Academia Brasileira.

Quem não conhece êsse desabafo d'alma, exteriorizado nos versos emocionantes de um pai, que clama ao Deus do seu amor pelo revigoração da fibra mais sensível do coração?!

*Geme no berço, enfêrma, a criancinha,  
Que não fala, não anda e já padece...  
Penas assim cruéis por que as merece  
Quem mal entrando na existência vinha?*

*Ó melindroso ser, ó filha minha,  
Se os céus me ouvissem a paterna prece  
E a mim o teu sofrer passar pudesse,  
Gôzo me fôra a dor que te espezinha.*

*Como te aperta a angústia o frágil peito!  
E Deus, que tudo vê, não t'a extermina,  
Deus que é bom, Deus que é Pai, Deus que é perfeito.*

*Sim, é Pai, mas a crença no-lo ensina,  
— Se viu morrer Jesus quando homem feito,  
Nunca teve uma filha pequenina.*

Queremos, ainda, a título de demonstração da exímia destreza e vivacidade da musa garbosa e gentil dêsse representante autêntico do gênio da raça, transcrever aqui o poema dedicado a Bernadette, a vidente de Lourdes, a quem a Virgem Santíssima confiou os anseios da sua solicitude pela sorte do Mundo desviado do roteiro da Fé.

*Tão pura se mostrava e tão singela  
Que esta sublime graça mereceu:  
Para falar-lhe, para estar com ela  
Dos Céus a Mãe do Redentor desceu.*

*Hoje imortal curéola constela  
Seu rosto humilde: a fé o enobreceu!  
E a pobre gruta, que ela fêz capela,  
Em catedral de Amor se converteu...*

*Favor mais alto ainda se promete  
A todos quantos, como a Bernadette,  
Limpo sabem trazer o coração.*

*Êsses a glória têm de proclamados  
Haverem sido bem-aventurados,  
Pois Jesus o afirmou, a Deus verão.*

O busto de Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior, inaugurado a 31 de março último — data memorável do seu centenário de nascimento — na Praça Paris, capital do Estado da Guanabara, perpetua a memória de um patriota de rija tempera, monarquista e católico, a quem devemos páginas inesquecíveis de exaltação da grandeza e heroísmo da terra que lhe deu o berço.

Os fervorosos colaboradores dêsse titular dos brios nacionais “Os Amigos de Afonso Celso” — instituição que promove, em nosso tempo, movimento de intensa expansão econômica e acelerado surto de progresso, à altura da idealidade do insigne e saudoso homem público, a quem cabem, com toda a justiça, as homenagens que lhe são agora prestadas, realizaram, assim, ato digno dos mais francos e calorosos aplausos.

Em frente à sede do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ergue-se o monumento ao eminente compatriota, enaltecido como benemérito da Nacionalidade.

Na cerimônia solene e honrosa, foi muito bem acentuada a surpreendente atualidade daquela manifestação gratulatória, pois, nos encontramos, realmente, no período de “funda convicção nos destinos do Brasil”.

Com efeito, foi o entusiasmo cívico de Afonso Celso que estimulou e acendeu a flama de confiança e otimismo no futuro dêste grande País, fadado às conquistas do progresso e às maravilhas do desenvolvimento desta parte do Hemisfério.

Como Tôrres Homem, Barão do Rio Branco, Euclides da Cunha, Eduardo Prado, Carlos de Laet, Andrade Figueira, Visconde de Taunay, Farias Brito, Oliveira Lima, Alberto Tôrres, Pandiá Calógeras e tantos outros luminares da nossa existência política, o autor de “Porque me ufano de meu País”, destacou, em páginas magníficas, a situação desta vitoriosa potência, cristã e democrática, no concôrto das maiores Nações do Mundo.

Honra ao espírito de fé e à mentalidade clarividente do intrépido lidador da boa causa pela hegemonia da Terra de Santa Cruz, na marcha das Américas para os luminosos dias de glória do Porvir!

## José Carlos Júnior

O dia 24 de julho de 1960 assinalou a passagem do centenário de nascimento de José Carlos da Costa Ribeiro Júnior, sócio fundador da Academia Cearense de Letras e primoroso poeta.

Nasceu José Carlos Júnior (seu nome literário) na capital da Paraíba, formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito de Recife e desempenhou, no nosso Estado, onde passou depois a residir, importantes cargos públicos.

Em Fortaleza, o intelectual paraibano grangeou fama como prosador e poeta, sobretudo como cultor das musas.

Da sua lavra é o belo soneto "Estesia", publicado no Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul, ano de 1890.

Foi membro saliente da Padaria Espiritual, onde usou o pseudônimo de *Bruno Jaci*.

Faleceu a 29 de maio de 1896.

A Academia Cearense de Letras relembra, na presente oportunidade, a figura ilustre do seu antigo sócio, integrante do grupo valoroso que a fêz surgir, para glória do Ceará cultural, em 1894.